

MICROSCÓPIO

O sr. Getúlio Vargas bateu em retirada: já não é candidato e azafamadas andam as hostes do govêrno na busca de outro nome para contrapor ao candidato da democracia. E' uma retirada, não há dúvida, mas uma retirada estratégica, mais aparente do que real, convém não esquecer. Trata-se de uma manobra destinada a enganar o inimigo, cair de inopino sôbre êle e desbaratá-lo.

O sr. Getúlio Vargas já não é candidato, mas êste exímio contemporizador confia muito no tempo e na própria habilidade, para ter renunciado à esperança de conservar o poder. Em 1937 não era êle, nem podia ser candidato: bem sabem todos, entretanto, o que sucedeu. Cumpre, pois, que vigilantes se mantenham as hostes democráticas. O perigo, o grande perigo não está em ser candidato o sr. Getúlio Vargas, senão, justamente, em declarar êle que o não é.

Dê-se, porém, por definitivamente afastada a hipótese da continuação do sr. Getulio Vargas no govêrno. Autorizaria êste fato que a oposição ensarilhasse as armas e aceitasse um candidato que lhe oferecessem a título de conciliação? Claro é que não. Não se trata apenas da pessoa do Ditador, senão também, e principalmente, do regime que êle criou. Defrontam-se agora não tanto dois nomes, como dois sistemas. Quem quer que surja do outro lado, será sempre a incarnação do regime que sete anos de existencia bastaram para condenar irremissivelmente.

Não há, pois, nem pode haver conciliação. Nem sequer transigência. E' ideológica a luta que vai travada. Está lançada a candidatura democrática e só poderá cair com a causa que ela emblema.

RAUL PILLA

13.3.45